



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E
PRIVADOS DE LIBERDADE**

**FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA EJA
Saberes profissionais e saberes de experiência feita**

FRANCISCO FROES FAGUNDES BITENCOURT

Porto Alegre

Novembro, 2011

FRANCISCO FROES FAGUNDES BITENCOURT

FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA EJA
Saberes profissionais e saberes de experiência feita

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Educação de Jovens, Adultos e de Privados de Liberdade, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Míriam Pereira Lemos

Porto Alegre

Novembro, 2011

DEDICATÓRIA

A minha esposa Taís, a Tata, que muito me incentivou nesta caminhada, onde o que prevaleceu foi à vontade de renovar projetos e formas de viver.

Aos meus filhos Vinícius e João Vitor que, com muita paciência, me incentivaram nos momentos de ansiedade.

Ao meu filho caçula Marcus, pois renovou a minha vontade de me qualificar, conquistar e partilhar alegrias da profissão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por permitir que este sonho se tornasse realidade;

À professora Míriam Lemos pela prestimosa orientação, paciente acompanhamento e pela atenção que sempre dedicou, ajudando-me a superar barreiras;

Aos meus pais, que me mostraram os primeiros caminhos trilhados, que me forneceram os primeiros ensinamentos para, finalmente chegar aqui.

Parentes, colegas, alunos e mestres...

Aos que distante, olhavam a incansável tarefa; aos que com palavras estimulavam, em especial aos meus companheiros de trabalho e colegas.

PENSAMENTO

Falta à escola uma atitude de olhar para frente, de buscar o futuro, de acreditar no novo, de promover aqueles que se lançam com ousadia na busca das transformações. É isto que falta à escola e aos professores.

Hamilton Werneck.

MENSAGEM

Agora veja doutor, a diferença. O senhor chega em casa cansado. A cabeça até que pode doer no trabalho que o senhor faz. Pensar, escrever, ler, falar esses tipos de fala que o senhor fez agora. Isso tudo cansa também. Mas - continuou - uma coisa é chegar em casa, mesmo cansado, e encontrar as crianças tomadas banho, vestidinhas, limpas, bem comidas, sem fome, e a outra é encontrar os meninos sujos, com fome, gritando, fazendo barulho. E a gente tendo que acordar às quatro da manhã do outro dia para começar tudo de novo, na dor, na tristeza, na falta de esperança. Se a gente bate nos filhos e até sai dos limites não é porque a gente não ame eles, não. É porque a dureza da vida não deixa muito para escolher.

(Diálogo entre Freire e um pai trabalhador - Pedagogia da Esperança).

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) permeia a história da educação, sendo que esta segue os ritmos da história da sociedade em seus modelos econômicos, políticos e sociais ditados por relações de poder de grupos dominantes. Na educação e especificamente na EJA, questões significativas emergem na busca de saberes docentes necessários direcionados a este segmento de ensino que segue a margem da história da educação. Este trabalho é fruto de uma pesquisa vinculada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens, Adultos e de Privados de Liberdade, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objetivo deste trabalho é o de tecer reflexões sobre a formação inicial e continuada dos professores da EJA no município de Viamão, RS. A coleta de informações se deu através da aplicação de questionários semiestruturados, em entrevistas abertas com 5 professoras da rede e em conversas informais permanentes, bem como de revisão literária e documental sobre a temática. A fim de contribuir para uma educação básica de qualidade e uma política de formação e valorização dos profissionais da educação, as práticas dos mesmos são analisadas como momentos de construção de conhecimentos que associam os saberes técnicos aos da experiência vivida no cotidiano educacional. Traz ao debate a relevância da formação continuada, principalmente quando esta não foi contemplada na formação inicial dos professores, de maneira a dar significância aos processos de produção pedagógica.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos; formação profissional continuada; saberes docentes

LISTA DE SIGLAS

SIGLA	DESCRIÇÃO
AJA	Alfabetização de Jovens e Adultos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Gênero dos entrevistados.	30
Gráfico 2: Identidade dos entrevistados.....	31
Gráfico 3: Local de residência dos entrevistados.....	32
Gráfico 4: Idades variam entre 30 e 60 anos	33
Gráfico 5: Número de entrevistados.	35
Gráfico 6: Carga horária semanal dos professores.....	36
Quadro 1: Formação profissional dos Educadores	37
Quadro 2: Tipos de Especializações.....	38
Quadro 3: Motivos da lotação.	40

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - Questionário aplicado aos professores.

Anexo 2 - Memorial descritivo de professores com termo de consentimento informado.

Anexo 3 - Matéria jornalística.

Anexo 4 - Histórico das escolas com EJA.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
2 MINHA INSERÇÃO NA EJA.....	15
3 METODOLOGIA	17
4 HISTÓRICO DA FORMAÇÃO ESCOLAR - MODALIDADE EJA	19
4.1 NO BRASIL	19
4.2 HISTÓRICO DA EJA NO MUNICÍPIO DE VIAMÃO	24
5 FORMAÇÃO, VALORIZAÇÃO E DESAFIOS	28
6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	29
6.1 PROTAGONISTAS: PERFIL DO GRUPO.....	30
6.2 VOZES DA PROFISSÃO: FORMAÇÃO E ATUAÇÃO NA EJA.....	33
6.2.1 <i>Saberes Profissionais – técnicos.....</i>	<i>34</i>
6.2.2 <i>Saberes Práticos - O saber da experiência feita</i>	<i>42</i>
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
ANEXOS	51

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Falar da modalidade de Educação de Jovens e Adultos no Brasil, hoje, nos remete inicialmente à trajetória histórica desta modalidade de ensino instituída com todas as suas contradições e conflitos desde a catequização indígena (PAIVA, 1973), até os modelos mais recentes. A Educação de Jovens e Adultos se estabeleceu e se configura como modalidade de ensino permeando a marginalidade e as lacunas do sistema educacional regular.

Muitas são as iniciativas e programas idealizados por governos que passaram e passam com um só discurso: o da erradicação do analfabetismo e formação dos profissionais. Da erradicação do analfabetismo à formação continuada dos profissionais da área sabemos que nenhuma plataforma de governo chegou ao feito realizado de oportunizar, através de políticas públicas concretas, ao máximo as possibilidades de criar projetos com vínculos de permanência efetiva. A pesquisa na Educação de Jovens e Adultos tem se intensificado, sendo que um marco importante dessa trajetória mostra-se evidente com Paulo Freire e a leitura de mundo, enfatizando os saberes populares de diversos grupos culturais (HADDAD&; DI PIERRO, 2000).

Assim, a formação do profissional da educação de jovens e adultos pode representar, através de um projeto consistente e embasado na continua formação, num importante fator para um possível sucesso das políticas de acesso e permanência dos educandos, pois é através da ação consistente do educador que novas vivencias são implementadas nos projetos, dando uma maior amplitude nos modelos e das realidades a serem almejadas como experiências pedagógicas, oportunizando um debate maduro e inovador a respeito da formação continuada dos profissionais da área.

Não resta dúvida de que a EJA é um assunto de ordem social e educacional sempre tentando uma afirmação como modalidade de ensino. Uma modalidade de inclusão escolar e formação continuada num contexto social em que a educação inclusiva também busca afirmação, versa sobre as construções das políticas e propostas pedagógicas para essa modalidade de ensino e como elas se articulam

no contexto educacional e sistema de governo vigente em nosso país (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

Uma análise histórica da articulação entre as políticas públicas e suas propostas pedagógicas na EJA no Brasil se fazem necessárias. É preciso levar em conta a característica de marginalidade da modalidade de ensino, as plataformas de governo e as propostas pedagógicas oferecidas a cada momento histórico da educação em nosso país. Com isso buscamos produzir um registro do passado que contribua para solução dos problemas atuais.

Num primeiro momento, o estudo apresenta uma reflexão sobre a educação de jovens, adultos e idosos a partir das exigências de formação de professores para essa modalidade de ensino. Busca identificar, com base na forma em que a sociedade contemporânea está organizada, os elementos que podem contribuir para a formação do professor que trabalha na EJA.

Um segundo elemento que pode colaborar na formação do professor de EJA, são as contribuições que os movimentos sociais a que os alunos estão inseridos podem trazer para o campo de formação como meio de organização de uma educação pautada no acesso e permanência desse grande número de alunos e o aproveitamento de experiências como fator preponderante na contemplação de formações específicas dos professores. Com esse estudo indago até que ponto esses cursos desempenham um papel relevante e diferenciador na prática profissional da EJA.

Na última parte do trabalho busco compreender, de maneira mais aprofundada, a necessidade de se proporcionar uma formação profissional mais adequada às realidades sociais. O estudo é pautado, através de gráficos e tabelas, numa perspectiva direcionada aos saberes docentes, suas experiências, vivências e formações contemporâneas, de forma, a saber, suas necessidades e preocupações.

A formação de profissionais dedicados à educação de jovens e adultos, pela sua especificidade, é uma modalidade de ensino que deve ser pensada e de forma diferente das outras modalidades educacionais, por isso é referendada nas partes finais do trabalho através de um olhar mais atento a respeito das possibilidades, em

curto prazo, de melhorias e implementações das formações continuadas dos professores de EJA.

2 MINHA INSERÇÃO NA EJA

A Educação de Jovens e Adultos se configura em um importante campo da área educacional onde podemos analisar e entender os processos de supostos fracassos e sucessos na organização de Políticas Públicas da formação de professores.

É através da ação consciente do educador, sabedor dos problemas existentes, que as ações deveriam ter linha coerente com os objetivos propostos, onde a realidade de cada aluno deve ser diagnosticada, tornando viável a junção das tarefas docentes e os desejos do educando, podendo assim, superar os altos índices de desistência e evasão, o que pode garantir a permanência desse grande objetivo da população brasileira que historicamente esteve excluída do sistema educacional.

Quando, em 2003, comecei a trabalhar com jovens e adultos fui vivenciando o grande potencial de experiências diárias e a grande possibilidade de apontá-las na sala de aula. Alunos diferentes, com ou sem maturidade, com experiências, vontade de estudar, de aproveitar o tempo que passou, de diferentes idades e muita vontade de trocar experiências adquiridas ao longo de suas vidas, sem contar os jovens e suas observações a respeito da vida moderna, dos seus cotidianos e realidades.

Esses caminhos diferentes, e ao mesmo tempo muito parecidos, pois segundo alguns, as diferenças maiores estão apenas nas idades, tornaram os meus objetivos mais claros e, sem dúvida, uma possibilidade real de trabalhar o conjunto, pois as temáticas geradas estão presentes indispensavelmente das idades e experiências.

O tempo foi passando e a procura por uma identidade relacionada ao ensino de jovens e adultos foi se tornando uma necessidade extrema em minha vida profissional, pois sabia que os educandos tinham diferentes projetos, sem contar que fui aprendendo muito com aqueles alunos considerados como “fora do contexto” da realidade escolar.

Essa vontade de encarar novos desafios, não ficando apenas no mundo específico do ensino fundamental foi me conduzindo à vontade de conhecer algo

diferente e inovador, a vontade de formar uma necessidade básica antes adormecida, e que agora é algo que move meus caminhos pela Educação.

Aproveitei a oportunidade para concluir a licenciatura em História, pois tinha apenas Estudos Sociais e, achava que era o momento para desenvolver e aprimorar mais os meus conhecimentos, naquele momento tudo era pouco para o que eu pretendia, pois antes de qualquer coisa eu era um agente de saberes e opiniões, um professor com muita vontade de ensinar e também aprender. Aproveitei os desafios da minha profissão para me desafiar, pois a grande dificuldade enfrentada atualmente e se acomodar com o que se tem, aliás, os desafios que para muitos é algo deixado de lado, para mim é o momento que consigo crescer e aprender.

Graduado em Estudos Sociais (1985), aproveitei que a prefeitura de Viamão estava oportunizando a conclusão da graduação (2004) para aprimorar meus conhecimentos, isto é, uma possibilidade para desenvolver meus conhecimentos, adquiridos ao longo dos anos, com a realidade acadêmica, um grande desafio, uma superação diária.

Ao completar o curso senti a necessidade de procurar algo que contemplasse meus estudos de formação na área de Jovens e Adultos, afinal, era uma realidade que tomava forma no meu projeto de vida profissional, algo que era uma afinidade em minha linha de pensamento. Quando procurei uma vaga no curso de especialização em Jovens, Adultos e Privados de Liberdade, era o início de uma nova caminhada em direção a formação profissional, querer saber mais e, ao mesmo tempo atender a uma perspectiva de futuro: as atuais necessidades de atendimento a uma demanda que cresce todo dia, dos jovens e adultos.

Meus objetivos estão direcionados à formação dos profissionais que atuem na área, seus anseios e necessidades, suas diferenças e como procurar maneiras para dar suporte a essa realidade. Este diálogo, discussão ou qualquer que seja a possibilidade de intenção de conhecimentos, seja através de experiências positivas ou negativas, é de suma importância para entender onde queremos chegar, onde buscar subsídios, qual a melhor maneira de interagir e, quem sabe, como podemos planejar algo duradouro.

Objetivo: O objetivo deste trabalho é o de tecer reflexões sobre a formação inicial e continuada dos professores da EJA no município de Viamão, RS.

3 METODOLOGIA

A pesquisa na EJA, pela característica de contexto social envolvido e caráter de diagnóstico formativo nos remete a um tipo de investigação em que o diálogo e o conhecimento da realidade propõem a inserção do pesquisador neste processo em que o mesmo faz parte do conjunto pesquisado (BRANDÃO, 1984).

Nesta ótica, instaurou-se a dialogicidade entre sujeitos diferentes, porém imbuídos de um objetivo comum, frente a um mesmo horizonte. Esta pesquisa preocupou-se de que a relação de integração entre o pesquisador e o pesquisado acontecesse através do diálogo cotidiano que se apresenta na afinidade do trabalho e na busca de respostas como elementos de contribuição para a sociedade.

O recurso metodológico utilizado neste trabalho de pesquisa foi o de estudo de caso, tendo como público pesquisado todos os docentes da modalidade de EJA do município de Viamão. Partindo do empírico, da realidade dada, busquei respostas através de categorias de análises que surgiram nas falas dos professores. Inicialmente, optei como principal instrumento para a coleta de dados, um questionário aplicado ao maior número possível de professores que se disponibilizaram a respondê-lo (ver Anexo 1). Além deste, diversas entrevistas informais foram realizadas com eles, quando dos encontros que ocorreram, seja para a entrega do questionário, seja na devolução do mesmo. O questionário foi formulado levando-se em conta os elementos mais significativos para esta pesquisa. Assim o instrumento de coleta de dados se constituiu de dezoito perguntas buscando traçar, inicialmente, a caracterização do perfil do conjunto docente.

Como já relatei acima, num primeiro momento encaminhei um questionário com perguntas semiestruturadas, para os professores em efetivo exercício, logo em seguida 5 professores que se disponibilizaram a aprofundar o diálogo, foram entrevistados e contaram pessoalmente sua trajetória de vida na escola, o que me permitiu obter mais elementos para as análises.

Por fim, categorizei as informações em três conceitos-chave: a vida, o trabalho e a escola.

Logo a seguir, discorro sobre a história da formação de profissionais na modalidade EJA no Brasil e no município estudado, assim como os conceitos-chave, para dialogar com a revisão literária sobre a temática.

4 HISTÓRICO DA FORMAÇÃO ESCOLAR - MODALIDADE EJA

Neste capítulo será apresentado um breve panorama histórico da EJA.

4.1 NO BRASIL

Conforme Paiva (1973, p, 165):

O histórico da Escolarização de Jovens e Adultos, no Brasil, perpassa pela trajetória do próprio desenvolvimento da educação que vem se institucionalizando desde a catequização dos indígenas, alfabetização e a transmissão da língua portuguesa servindo como elemento de aculturação dos nativos.

Segundo Bannell (2001, p. 165) “a realeza procurava facilitar o trabalho missionário da igreja, na medida em que esta procurava converter os índios aos costumes da Coroa Portuguesa”.

A EJA começa definitivamente a marcar seu espaço na história da educação do Brasil nos anos 30, findada a Primeira República, com as mudanças políticas e econômicas e com o processo de industrialização. (PAIVA, 1973).

A década de 40 foi marcada por grandes transformações e iniciativas que possibilitaram avanços significativos na educação e também na EJA. A criação do SENAI vem corroborar o que estava claro à sociedade capitalista e aos grupos econômicos dominantes: sem educação profissional não haveria desenvolvimento industrial para o país.

Nos anos de 47 a 50, o público de EJA passa a ser composto por pessoas não atendidas na idade convencional (6 a 14 anos) e através de uma ação educativa estende o atendimento a essa demanda.

A Educação de Adultos no Brasil pode ser considerada oficial, a partir de 1947, com a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA)

coordenada por Lourenço Filho¹, um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, no governo de Eurico Gaspar Dutra. Como plataforma política de governo, Lourenço Filho entendia a educação de adultos como peça fundamental nos níveis de escolarização para a elevação do nível cultural dos cidadãos. Organizou as escolas rurais com currículo básico visando expansão agrícola. Mas a Educação de Várzea, como ficou conhecida, ficou restrita à alfabetização e, por isso foi também denominada “Fábrica de Leitores”. Dessa ação ficou a certeza de que somente a alfabetização não resolveria, era preciso uma ação mais ampla junto às comunidades. (DI PIERRO, *et al*, 2001).

Em 1958, no Congresso de Educação de Adultos surgiu a experiência do grupo de Pernambuco liderado por Paulo Freire. A experiência se constituía em um movimento de educação voltado para o desenvolvimento com críticas muito fortes à precariedade dos prédios escolares, a inadequação do material didático e à formação do professor. O momento também se caracterizou por inovações pedagógicas enfatizando uma educação com o homem e não para o homem. Propunha uma renovação dos métodos e processos educativos, abandonando os processos estritamente auditivos em que o discurso seria substituído pela discussão e participação do grupo. Esse movimento serviu de base para a teoria de Paulo Freire na década de 60. (PAIVA, 1973).

Os anos de 1958 a 1964, segundo Moacir Gadotti (2006, p. 36), foram marcados por ações em que:

[...] a educação de adultos era entendida a partir de uma visão das causas do analfabetismo, como uma educação de base, articulada com as “reformas de base” defendida pelo governo popular/populista de João Goulart.

Com o 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, nasce a idéia de um programa permanente de Educação de Adultos e surge o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos (PNAA), dirigido por Paulo Freire. Este é extinto pelo Golpe de Estado em 1964, juntamente com os demais movimentos de alfabetização de adultos vinculados à idéia de fortalecimento popular.

¹ Educador brasileiro conhecido por sua participação no movimento dos pioneiros da Escola Nova.

No ano de 1965, em oposição às idéias de Paulo Freire, surgiram em Recife a Cruzada ABC (Ação Básica Cristã), de caráter conservador e semi-oficial. A Cruzada ABC pretendia contestar política e pedagogicamente os programas anteriores de alfabetização de adultos, particularmente o Sistema Paulo Freire, adotado oficialmente pelo governo deposto de João Goulart. O apoio e a convergência de propósitos que os movimentos de alfabetização de adultos progressistas haviam encontrado no governo Goulart, a Cruzada ABC iria encontrar nos governos militares, na segunda metade dos anos sessenta. Os obstáculos à sua ação, anteriores ao golpe, ou seja, os movimentos progressistas/de esquerda, com seu centro irradiador, e ainda, o governo Arraes, em Pernambuco, declinaram e, assim, o projeto ABC podia ser colocado em prática.

O MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização - 1967) e a Cruzada ABC, constituíram-se em “movimentos concebidos com o fim básico de controle da população, através da centralização das orientações, supervisão pedagógica e produção de materiais didáticos” (DI PERRO, et al, 2001, p. 61).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 5692/71 (MEC), instituiu a suplência fazendo referência à reposição de escolaridade, o suprimento como aperfeiçoamento, a aprendizagem e formação sinalizando para a profissionalização.

A partir de 1985 com a redemocratização do país, o MOBRAL é extinto e ocupa seu lugar a Fundação EDUCAR, com as mesmas características do MOBRAL, porém sem o suporte financeiro necessário para a sua manutenção. Com extinção da Fundação EDUCAR ocorre à descentralização política da EJA, transferindo a responsabilidade pública dos programas de alfabetização e pós-alfabetização aos municípios (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

De acordo com Machado (1998), o governo Fernando Collor de Mello lança o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), que tinha como objetivo reduzir 70% do número de analfabetos do país em cinco anos. Para atingir esse objetivo foi criada a Comissão do Programa Nacional da Alfabetização e Cidadania, que aos poucos foi se desarticulando, em virtude da completa fragmentação e desvinculação do Programa e da Comissão na liberação de recursos.

Segundo Haddad; Di Pierro (2000), a década de 90 foi marcada pela relativização nos planos cultural, jurídico e político – dos direitos educativos das pessoas jovens e adultas conquistadas em momentos anteriores, e a descentralização da problemática, bem como a situação marginal da EJA nas políticas públicas do país.

Nesta década a articulação em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº. 9394/96), reafirmou a modalidade de Educação de Jovens e Adultos incorporando uma mudança conceitual ao substituir a denominação Ensino Supletivo por Educação de Jovens e Adultos, avaliada de forma positiva por profissionais da área. Esta mudança de denominação é fato questionável e concordamos com Soares (2003, p. 12) que:

A mudança de ensino supletivo para educação de jovens e adultos não é uma mera atualização vocabular. Houve um alargamento do conceito ao mudar a expressão de ensino para educação. Enquanto o termo ensino se restringe à mera instrução, o termo educação é muito mais amplo compreendendo os diversos processos de formação.

Porém no artigo 38 dessa Lei, a referência aos exames supletivos continua a vinculação da suplência a ideia de compensação e de correção de escolaridade. As idades mínimas de 15 anos para o ensino fundamental e de 18 anos para o ensino médio vem corroborar as falhas desta modalidade de ensino, privilegiando a idade e a certificação em detrimento dos processos pedagógicos. (RUMMERT; VENTURA, 2007).

A Declaração de Hamburgo resultado da CONFINTEA (Conferência Internacional para a Educação de Adultos - 1997) enfatiza que:

A educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça.

O Parecer 11/2000, das Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos, preocupa-se com a conceituação e sobressaem as funções: reparadora, pela restauração de um direito negado; equalizadora, de modo a garantir uma redistribuição e alocação em vista de mais igualdade na forma pela qual se

distribuem os bens sociais; e qualificadora, no sentido de atualização de conhecimentos por toda a vida.

A nova concepção conceitual da EJA não interfere nas políticas públicas para essa modalidade de ensino e a mesma continua sendo excluída. Prova disso constatamos com a criação do FUNDEF - Fundo de desenvolvimento para a Educação e Valorização do Magistério que contava os alunos do ensino fundamental para o retorno dos recursos, mas não considerava os alunos da EJA e, apesar de algumas iniciativas do Estado há permanentemente uma desconfiança em relação a elas, ainda que seus dirigentes demonstrem compromisso com os programas. O afastamento da União nas políticas públicas de EJA, transferindo a responsabilidade para Estados e Municípios, proporcionou inúmeras iniciativas de cunho popular caracterizando uma pulverização de programas na tentativa de minimizar a problemática de EJA no Brasil. (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

O governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sinalizou com iniciativas para as políticas públicas de EJA com maior ênfase do que o tratamento de governos anteriores. A criação do Programa Brasil Alfabetizado envolveu a criação de três programas de cunho social na modalidade de EJA:

- O Projeto Escola de Fábrica que oferece cursos de formação profissional com duração mínima de 600h para jovens de 15 a 21 anos.

- O Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM – que está voltado ao segmento juvenil de 18 a 24 anos, com escolaridade superior a 4ª série, mas que não tenha concluído o ensino fundamental e que não tenha vínculo formal de trabalho.

- O PROEJA, voltado à educação profissional técnica em nível de ensino médio.

Os três principais programas, apesar de buscarem a escolarização dos adultos e constituírem iniciativas ampliadas para as políticas de EJA, estabelecem ações no sentido da profissionalização. Mas reforçam a idéia de fragmentação de programas, em que a certificação é meta na busca da universalização da educação e erradicação do analfabetismo sem, contudo, uma perspectiva de continuidade caracterizando a formação inicial. Germina aí, o caráter do capital humano

assinalando a força do trabalho tomada como mercadoria na produção de capital econômico.

4.2 HISTÓRICO DA EJA NO MUNICÍPIO DE VIAMÃO

Neste item, historicizo a EJA no município de Viamão, a partir de levantamento de dados que realizei junto a Secretária de Educação, de certa forma colaborando com a instituição na medida em que as informações são agrupadas e analisadas, configurando uma espécie de projeção estatística e, surpreendendo as expectativas, pois não havia, até então, sido usadas as informações para qualquer finalidade.

O Processo nº- 338/27.00/02.8, de 25/03/2003 aprovou o Regimento Escolar das Escolas Municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental do município de Viamão, nas modalidades Padrão – Educação Infantil, Padrão – Ensino Fundamental I, Padrão – Ensino Fundamental II e Padrão Ensino Fundamental na Modalidade em EJA.

Em novembro de 1998, iniciou-se no município de Viamão o Projeto AJA, convênio Prefeitura Municipal e MEC/FNDE, resgatando, com isto, uma dívida educacional que levou em conta o índice de analfabetismo do Município.

Durante a execução do projeto foram realizadas diferentes atividades culturais envolvendo as turmas e fornecida assessoria direta aos professores com relação aos conhecimentos construídos em sala de aula, bem como às intervenções didático-pedagógicas necessárias para a mudança, em nível de cada aluno visando a alfabetização.

Para o enriquecimento do mesmo, foram também fornecidos, além de materiais para os alunos, materiais de suporte para o professor, como livros de fundamentação teórica da proposta, jogos, cadernos de atividades, etc. Foi agregada, também, a proposta de Arte e Cultura na sala de aula com conhecimento da história de vida de vários artistas e pintores, de diferentes épocas, acrescentando-se a isto, a compra de quadros para exposição e estudo nas escolas.

Assim sendo, o projeto desmembrou-se em três etapas no qual os alunos aprenderam a ler e escrever em três meses: 1ª etapa: novembro/1998 a janeiro/1999 - 236 alfabetizados; 2ª etapa: março a junho/1999 - 370 alfabetizados; 3ª etapa: julho a outubro/1999 - 256 alfabetizados.

Com o despertar do desejo e a vontade de aprender desses jovens e adultos, foi estabelecido o Projeto AJA fazendo valer o direito à Educação, à cidadania e à inclusão na cultura, possibilitando a criticidade, a autonomia e, com isso, favorecendo a transformação da sociedade.

O novo paradigma de qualidade de vida adquirido por estes jovens e adultos fez com que, cada vez mais o conhecimento fosse alimentado por diferentes saberes construídos a partir das aprendizagens socializadas nos grupos. Com isto, houve a solicitação dos alunos alfabetizados ao Prefeito Municipal para a continuidade dos seus estudos. Dessa forma, em março de 2000 iniciou-se o Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), convênio Prefeitura Municipal e MEC/FNDE.

O programa teve e tem como principal objetivo propiciar a Educação de Jovens e Adultos orientada à população de classes populares, com idade a partir de 15 anos, que não teve acesso à Educação Básica ou continuidade de estudos nas séries iniciais (1ª à 4ª série) e oportunizando, com isto, a seqüência dos estudos do Ensino Fundamental.

Frente a este estímulo, o 1º semestre de 2000 atendeu alunos de alfabetização e de 2ª a 4ª séries em turmas multiseriadas, com 900 alunos matriculados, constituindo 51 turmas envolvendo 46 escolas municipais da rede, uma ONG e uma escola estadual.

Cada etapa, entre alfabetização e 4ª série compreende três meses, sendo o aluno promovido ao final de período, para a etapa seguinte. As ações deste programa incluem atividades de música, teatro, artes plásticas, inclusão nos eventos das escolas onde as turmas funcionam objetivando a integração das mesmas e incorporando a Cultura ao processo de ensino, em consonância com os desejos e interesses dos alunos.

O ano de 2001 teve, em média, 400 alunos cursando a 5ª série regular ou supletivo. Nesse ano, as escolas municipais contaram com 1052 alunos matriculados nas etapas 1 e 2. A Secretaria Municipal de Educação em convênio com o MEC/FNDE proporcionou aos professores da EJA, cursos de formação permanente, tendo como objetivo buscar subsídios teórico – práticos, a fim de proporcionar e qualificar o trabalho docente diante de uma clientela diferenciada. Durante esse período foi construído o Regimento da EJA juntamente com a rede municipal de ensino, ampliando o atendimento para as etapas 1, 2, 3 e 4 e oportunizando o atendimento, também, aos analfabetos funcionais.

Em 2002, a EJA contou com 2233 alunos matriculados, compreendendo as etapas 1, 2, 3 e 4 em escolas municipais, sendo o Regime de Ensino por Etapas de Conhecimento. O convênio entre Prefeitura Municipal e MEC/FNDE manteve-se nesse período, subsidiando recursos para a formação continuada dos educadores da EJA. Já em 2003, os alunos matriculados atingiram o número de 2800, nas escolas municipais e, desde então, vem sempre crescendo.

Tradicionalmente a EJA tem sido vista com uma perspectiva meramente compensatória para resgatar o tempo perdido, onde o currículo é análogo ao do Ensino Fundamental Regular, mas reduzido em quantidade e, não raro, em qualidade. Neste sentido tornou-se crucial investir na formação continuada de educadores para atuarem e lecionarem em proposta de educação de jovens e adultos distinta das já existentes.

Buscando subsídios fundamentalmente em Paulo Freire, mas não reduzindo a base teórica somente na sua obra, e exercitando a curiosidade epistemológica, para evitar o mero ativismo de um discurso panfletário, aquele que apenas denuncia o velho e anuncia a novidade, foi ressaltada a necessidade do desenvolvimento de propostas político pedagógicas de formação continuada de jovens e adultos baseada numa lógica crítico-reflexiva que contemplates a complexidade das relações pedagógicas, de modo a constituir e instituir espaços de fala e autoria que respeitassem a diversidade de saberes que assumem a prática sócio-político-cultural, que não dissociassem: ensino e pesquisa; investigação e ação; docência e discência; escola, cultura e sociedade.

Tratava-se, também, de perceber-se em um navegar na contra-corrente de senso comum educacional vigente há décadas nos sistemas de ensinos brasileiros - aqueles que considera a EJA dentro de uma perspectiva compensatória reducionista da complexidade inerente ao seu objeto de estudo e ação.

A EJA é entendida como um processo de construção dinâmico, crítico e permanente que se dá na lógica e na ética do diálogo, transcendendo o nível da simples alfabetização da leitura e da escrita.

Entretanto, é necessário compreender que as práticas pedagógicas não podem, não devem reduzir-se a um mero repassar de conteúdos prontos, acabados, estanques, estéreis, acéticos e históricos onde os símbolos gráficos decodificam-se por si, ingenuamente desprovidos de suas condições de (re) produção, (re) significação e representação.

Devem, pois, ser percebidas como práticas sócio-históricas, políticas e culturais cujos sujeitos estabelecem entre si uma relação de equilíbrio dinâmico dos saberes reconhecidos/aprendidos/ensinados como significativos mutuamente em um dado tempo-espaço.

Para Paulo Freire um professor não mais visto como proprietário do saber e detentor do conhecimento, mas como personagem crítico na proposição de desafios e encaminhamento de processos de procura, sabendo sempre que “ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo” (FREIRE, 2000, p. 31), pois toda ação educativa do mestre deve sempre perseguir um objetivo essencial, um determinado sonho que abomina a moralidade.

5 FORMAÇÃO, VALORIZAÇÃO E DESAFIOS

No campo das políticas educacionais, a formação, o desenvolvimento profissional e a valorização dos trabalhadores em educação (professor e funcionário) sempre estiveram de alguma forma presentes na agenda de discussão. Mas, possivelmente, em nenhum outro momento histórico tenham merecido tamanha ênfase por parte de diferentes agentes, instituições, organismos nacionais, internacionais e multilaterais como nas últimas décadas.

A concepção de formação do profissional da educação deveria se pautar pelo desenvolvimento de sólida formação teórica e interdisciplinar em educação de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no campo e na cidade e nas áreas específicas de ensino, pela unidade entre teoria e prática, pela centralidade do trabalho como princípio educativo na formação profissional e pelo entendimento de que a pesquisa se constitui em princípio cognitivo e formativo e, portanto, eixo nucleador dessa formação. Deveria, ainda, considerar a vivência da gestão democrática, o compromisso social-político e ético com um projeto emancipador, transformador e formador das relações sociais.

Nessa perspectiva, a questão da formação e profissionalização, por repensar quase todos os demais temas, tem gerado inúmeros debates no cenário educacional brasileiro, desencadeando políticas, assim como a mobilização dos diversos agentes, na tentativa de construir uma educação pública laica e gratuita para todos, definindo-se padrões nacionais para todas as escolas brasileiras. Nesses debates, tem ficado claro que as duas facetas – Formação e valorização profissional – são indissociáveis.

Neste contexto, o trabalho desenvolvido poderá gerar condições especiais para superar o individualismo e produzir novas relações sociais e culturais na atividade docente, privilegiando o trabalho coletivo e solidário, em sintonia com a realidade social onde está inserido, de modo a transformar as condições atuais da escola pública e da educação na perspectiva das transformações sociais almejadas.

Por tanto, ao se pensar em políticas para a formação de docentes, é importante pensar que este profissional está inserido em uma realidade específica,

onde os sujeitos trazem contribuições de suas vivências que devem auxiliar o trabalho do educador. É nesse sentido que ao pensar em formação docente, Bannell (2001, p.122) diz que

É pensar que cada sala de aula está inserida em um contexto sociocultural, que é plural, marcado pela diversidade de grupos e classes sociais, visões de mundo, valores, crenças, padrões de comportamento etc.; uma diversidade que está refletida na sala de aula, realidade a qual o professor deve estar atento e que deve nortear sua prática formativa, enquanto educador dessa realidade.

Com o desenvolvimento da sociedade moderna, surgiram novas realidades e a sociedade se estrutura de tal forma que, as práticas educacionais que em determinados períodos davam conta de uma possível formação para aquela realidade e para inserir o indivíduo de forma consciente na sociedade, com os avanços dessa sociedade as necessidades e as prioridades passam a serem outras que exigem uma nova postura do educador em relação, a sua ação docente e novas habilidades para desenvolver um efetivo processo de acesso do educando na sociedade através da educação.

Segundo Brasil (2002, p. 180):

[...] diante dessa nova realidade, a atitude do professor deve ser de valorizar os conhecimentos e as formas de expressões que cada aluno traz de suas experiências de vida e dos grupos sociais e culturais a que estão inseridos, para que o sucesso no processo de socialização possa ser um grande aliado na garantia da permanência dos jovens e adultos.

Para que isto ocorra, a formação permanente dos professores de EJA se fazem essenciais. Os desafios que pretendo contribuir com as análises a seguir.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 PROTAGONISTAS: PERFIL DO GRUPO

Sem deixar de considerar que em educação entram profissionais no âmbito técnico – administrativo e em outras funções, com importante papel no desenvolvimento de ações educacionais, o foco desse trabalho será a formação de profissionais que atuem na EJA.

Antes de apontar especificamente a questão de formação dos professores da EJA no município de Viamão, caracterizo o perfil destes professores. Dos 40 profissionais que atuam no ensino de Jovens e Adultos, entrevistei 33, dos quais: 20 são do sexo feminino e 13 do masculino. (Gráfico 1).

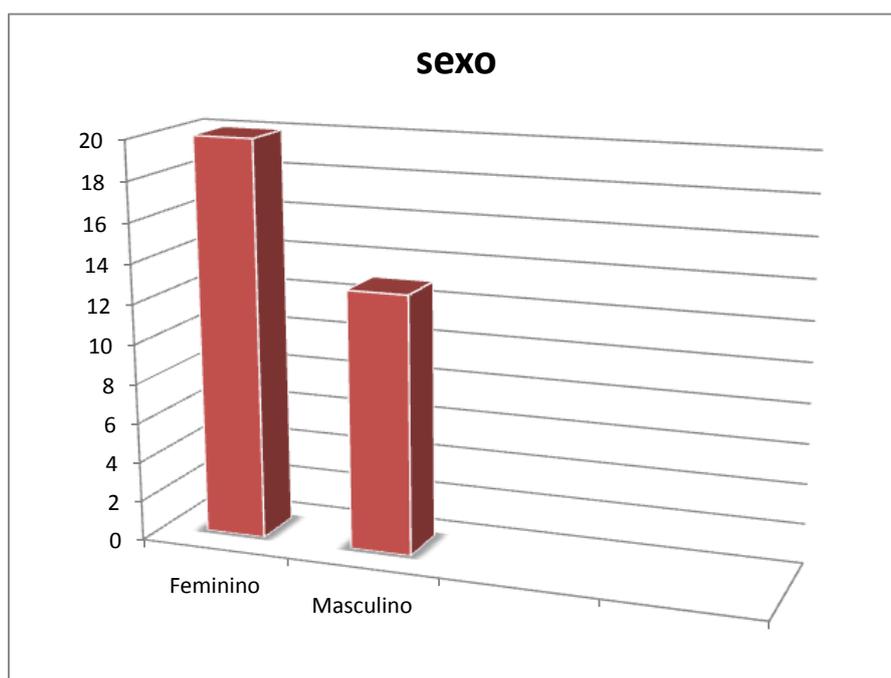


Gráfico 1: Gênero dos entrevistados.

Analisar o processo de constituição da identidade dos sujeitos envolvidos na EJA, em específico dos alfabetizadores, é fundamental porque possibilita a compreensão de como são formados os educandos. Como assinalou

Freire (1983), trata-se de um olhar sobre a forma como ocorre a ação e reflexão no mundo e sobre o mundo, trata-se de tornar-se sujeito de sua própria história. No Gráfico 2, os docentes são de maioria branca (26 entrevistados) para 7 de afrodescendentes.

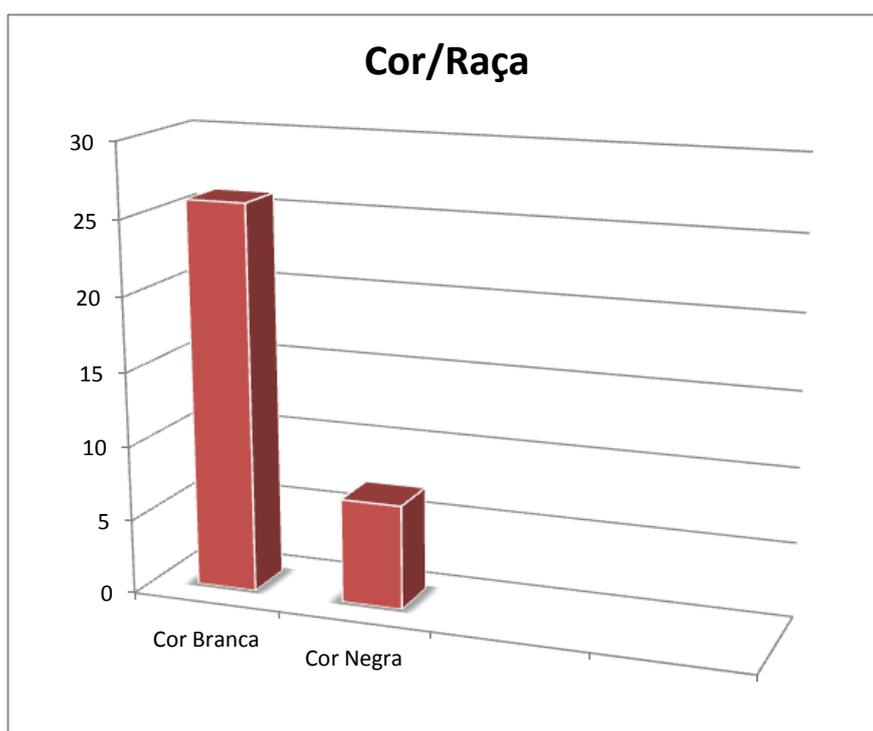


Gráfico 2: Identidade dos entrevistados.

Constituir-se educador de jovens e adultos é mais do que meramente um professor que dá aula, pois o compromisso com os oprimidos torna-o um agente com a possibilidade de instigar processos de conscientização que primam pela libertação em detrimento do aprisionamento junto aos seus alfabetizando, nas mesmas correntes da justiça social.

Do alfabetizador ao educador das séries finais (4ª etapa – 7ª e 8ª séries), o profissional em educação poderá constituir-se sujeito, autor e intelectual reflexivo

que causa, cria, transforma e produz conhecimento a partir de sua própria prática, pois ele é um importante agente no processo de transformação das condições sugestivas e objetivas do processo educativo. Dessa forma, conforme Freire (1983) é necessário que o docente esteja inserido na comunidade em que atua. No Gráfico 3, identificamos que 19 professores da EJA são moradores do município. Sendo 14b são de outros municípios aos quais não estão inseridos no dia a dia da realidade local.

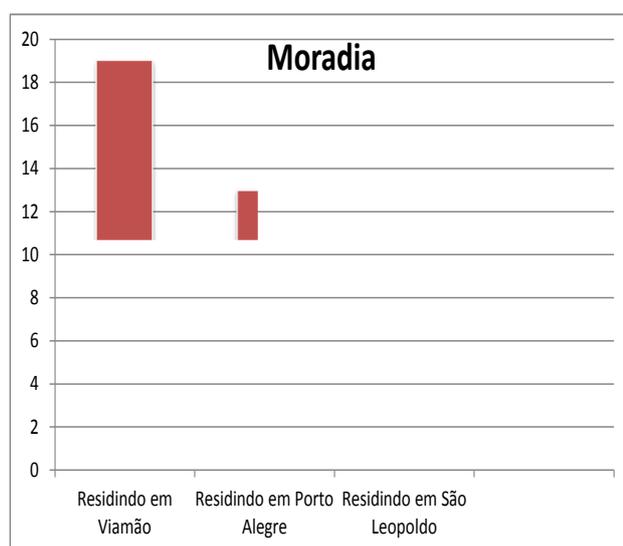


Gráfico 3: Local de residência dos entrevistados.

Entre as vivências dos atores que afetivamente produzem na EJA, mesmo vivendo em condições adversas, deve-se levar em consideração, além do estar no cotidiano do aluno da EJA, ser comprometido com o grupo, procurando captar o sentimento dos sujeitos em relação ao mundo do conhecimento.

A prática pedagógica é sempre dinâmica e, por isso, pode ser investigado de diversos ângulos, conforme as necessidades e interesses do investigador. Nesse sentido, é uma fonte permanente de conhecimentos. Este tipo de investigação é comum aos professores e àqueles profissionais que, em seu trabalho, se relacionam

com pessoas. A idade é uma possibilidade, entre os educandos da EJA, para um novo e aberto olhar sobre as experiências de cada um, uma versão mais abrangente do que se pode atribuir a educação da vida. No Gráfico 4 apresenta-se a faixa etária dos entrevistados. A faixa etária vai dos trinta aos sessenta anos de idade.

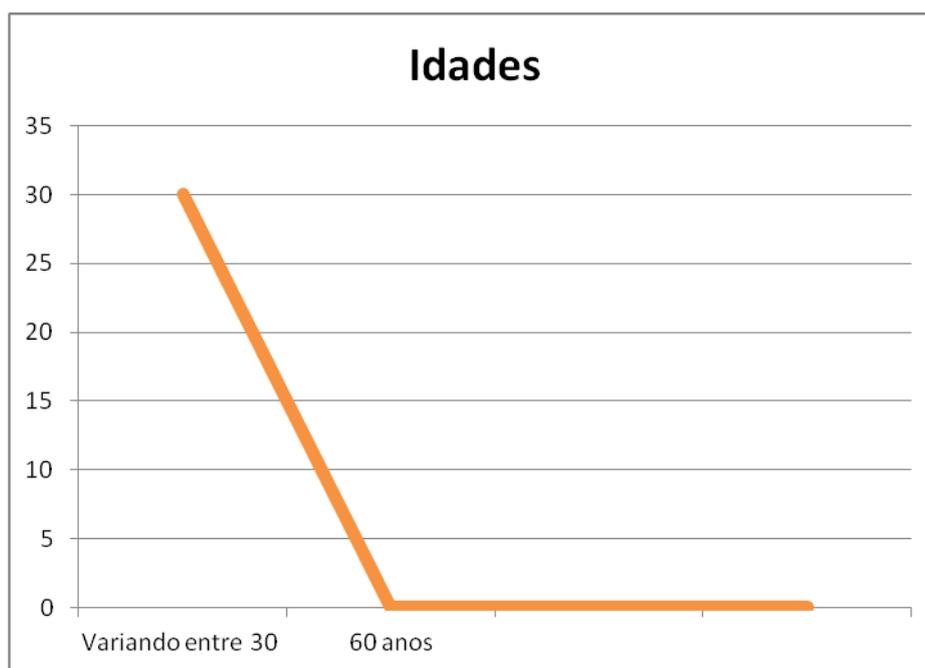


Gráfico 4: Idades variam entre 30 e 60 anos.

6.2 VOZES DA PROFISSÃO: FORMAÇÃO E ATUAÇÃO NA EJA

Em seu discurso acerca de que a qualidade da educação brasileira é proporcional à formação dos professores, a socióloga Maria Alice Setubal, aponta a urgência de colocar os educandos no centro das políticas públicas. Segundo ela, coloca-se “a educação com prioridade no discurso, e não na prática” (SETUBAL, 2009, p. 23).

Nesta linha o trabalho desenvolvido busca a verdadeira necessidade que permeia a formação dos profissionais do ensino de jovens e adultos, primeiramente escutando as vozes da profissão para depois fazer uma análise dos elementos

pertinentes aos projetos já desenvolvidos e aqueles que modificaram ao longo dessa trajetória da EJA, assim como a forma de entender as práticas docentes.

6.2.1 Saberes Profissionais – técnicos

A formação dos profissionais que atendem às práticas e necessidades dos jovens e adultos tem-se calçado como questionamento central em vários debates, principalmente quando colocado a melhora da qualidade do ensino e suas verdadeiras possibilidades de não exclusão, em relação as idades e suas potencialidades como geradores de satisfações e contribuição intelectual.

Dificuldade em tipos de metodologia a serem aplicados, material de ensino, profissionais preparados, garantia de vagas, direito à alimentação, não muito diferente do ensino regular, dão conta que pouco se pensa a respeito daqueles educandos que um dia já foram excluídos, por vários motivos, de um modelo que chamam de normal, no ensino do nosso país.

Este trabalho além de todos esses motivos já apontados como geradores de falta de qualidade na EJA, também quer procurar esclarecer e definir aspectos a respeito de formação ou falta de formação capacitada para atender as necessidades no ensino de jovens e adultos, procurar entender os motivos que levam os profissionais da área não refletirem as suas práticas como dificuldades de ações formativas e, quando isso acontece às metodologias não tornem objetiva a mudança entre o saber e contexto de experiência.

Apontar as reflexões tão atuais do livro *Pedagogia do Oprimido*, da década de 1960, e reafirmar as convicções do autor em *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da Autonomia*, escritos na década de 1990, chama a atenção dos educadores de jovens e adultos para a atualidade do pensamento freireano no contexto da realidade brasileira.

O reencontro com Freire é a experiência de dialogar com quem produziu reflexões acerca da teoria e da prática na educação de jovens e adultos a partir de sua vivência, é que ele mesmo chamava de “o saber de experiência feito” (FREIRE,

1992, p 31). É ao mesmo tempo, um convite para os professores que atuam em alfabetização e educação de jovens e adultos revisitarem e refletirem sua própria prática. Uma contribuição importante da Pedagogia da Esperança e o reencontro com Pedagogia do Oprimido, para alfabetizadores e educandos de jovens e adultos, é refletir sobre conceitos fundamentais da prática cotidiana, com o de alfabetização.

Quem procura cursos de alfabetização de adultos quer aprender a escrever e a ler sentenças, frases, palavras, quer alfabetizar-se. A leitura e a escrita das palavras, contudo, passa pela leitura do mundo. Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é científica, política e pedagógica, capenga (FREIRE, 1992, p.79).

Do universo de quarenta (40) professores legalmente matriculados no ensino de jovens e adultos, trinta e três (33), correspondente a 82%, responderam o questionário.

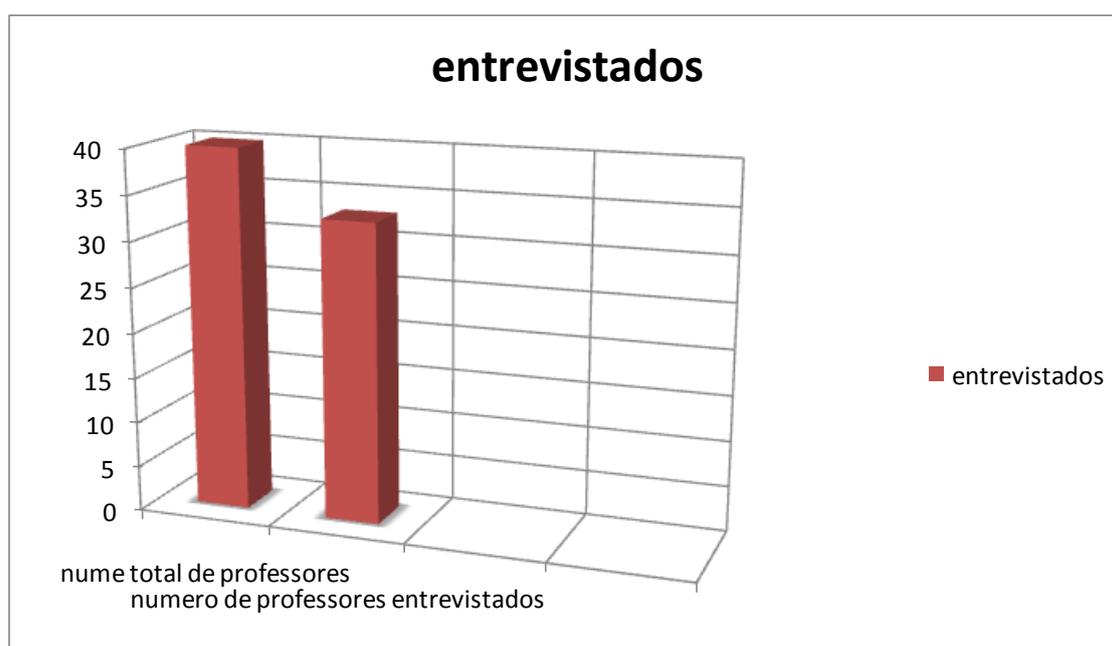


Gráfico 5: Número de entrevistados.

Todas as entrevistas foram realizados durante as etapas do processo de formação continuada desenvolvida pela Secretaria de Educação, cada escola participou com temas geradores atribuídos pela instituição organizadora.

A maior dificuldade enfrentada durante a coleta de dados e pesquisa apurada individual foi a distância entre as escolas, tendo em vista o município ser o maior da região metropolitana, além dos horários dos professores, tudo isto contribuindo para que não atingisse os 100% de profissionais como havia sido planejado.

Quanto a carga horária de cada educador (Gráfico 6), um bom elemento para caracterizar uma categoria que vive um mundo das horas fechadas, ou seja, grande parte dos profissionais atua sem ter horas para pesquisa ou formação, pois a falta de professores leva a Secretaria e as Escolas a exigirem dos profissionais carga máxima em sala de aula, conforme quadro demonstrativo.

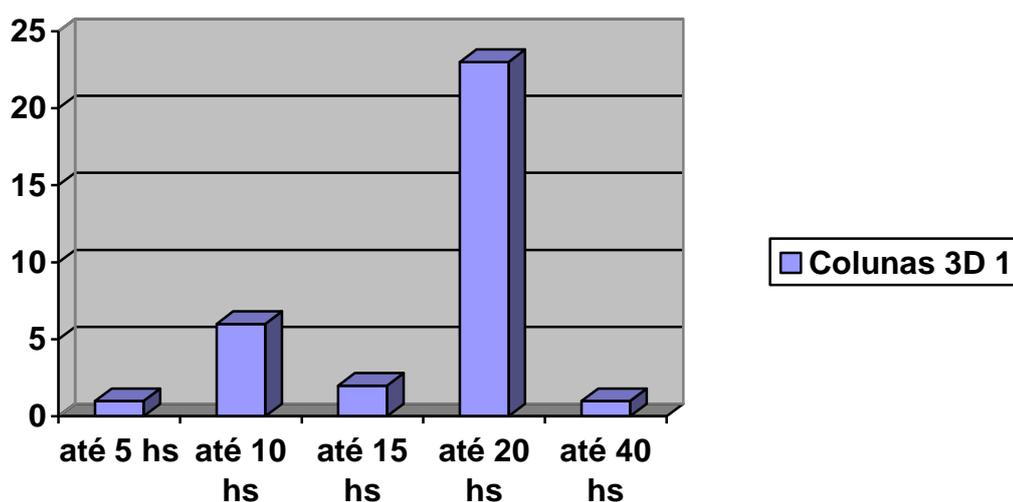


Gráfico 6: Carga horária semanal dos professores.

Dos trinta e três professores que desenvolvem suas atividades na EJA, aproximadamente 23 (70%) tem carga horária fechada, sem a possibilidade de executar algum tipo de pesquisa, visto que o tempo disponível é algo impossível, sem contar que muitos ainda desenvolvem atividades fora do contexto educacional, caso bem comum entre a categoria profissional.

Assim percebemos que a complexidade de ser professor, não está somente em ser professor da educação de jovens e adultos, mas sim ser profissional, pois o educador é alguém que deve habitar e construir sem próprio espaço pedagógico de trabalho de acordo com a limitação complexos do meio.

Com relação à formação profissional as respostas obtidas não foram uma surpresa, pois a trajetória de educador ao longo de vinte e cinco anos já apontava alguns dados já estabelecidos, por mim mesmo, quando dos encontros anteriores, em formações continuadas com toda a Rede de Professores.

Utilizando o quadro Formação Profissional, podemos identificar algumas semelhanças com a educação fundamental, pois ambas têm diversidades de profissionais atuando em áreas diversas das realidades pretendidas e ditas como um fator de evolução profissional.

Disciplina	Número de Professores
Geografia	1
Ed. Artística	1
Ed. Física	2
Matemática	5
História	5
Biologia	6
Letras	6
Pedagogia	7

Quadro 1: Formação profissional dos Educadores

Outro dado importante coletado na pesquisa, revela que vinte e oito professores (85%) atuando na modalidade de ensino de jovens e adultos tem algum tipo de especialização (Quadro 02), desde a Psicopedagogia, educação social até a educação, inclusive, dando ênfase a dois professores que desenvolveram recentemente especialização em jovens e adultos.

Apesar do inexpressivo percentual de professores com cursos de formação na modalidade EJA (6,5%) é correto afirmar que a grande maioria dos profissionais da EJA em Viamão está preocupada com os aspectos formativos de sua área,

exigindo e procurando um pilar de sustentação para que aproxime mais os educandos.

Especializações	Nº de professores
Psicopedagogia	4
Ed. Infantil	2
EJA	2
Pedagogia institucional	2
Gestão em movimentos sociais	2
Literatura infantil	1
Educação inclusiva	1
Filosofia	1
Sociologia	1
Educação Especial	1
Métodos da matemática	1
Recursos humanos	1
Gestão educacional	1
Artes plásticas	1
Pedagogia da saúde	1
Educação ambiental	1
Educação social	1
Continua:	
Cont.	1
Cooperativismo	
História contemporânea	1
Proeja	1

Quadro 2: Tipos de Especializações.

Este movimento é que permite através da formação continuada e, através da construção/reconstrução de um projeto pedagógico, a constituição e formação do professor da educação de jovens e adultos, com saberes e competências específicas para esta modalidade de ensino, também na constituição da educação jovem como possibilidade de acesso a várias condições que serão importantes para que homens e mulheres interajam no mundo de forma consciente.

A postura do sujeito crítico e ao mesmo tempo aberto às oportunidades de aprender são essenciais para que o educador se posicione, pela participação e pela atitude crítica, de modo a estar comprometido politicamente com as propostas de mudança. Assim, é imprescindível que ele descubra o significado da mudança mediante o aparecimento de seus pressupostos filosóficos e políticos (FREIRE; SHOR, 1987, p. 72).

Por considerar a formação dos profissionais como algo de fundamental importância, Mialaret (1991, p. 96) alerta para o fato de que não se deve processar uma formação idêntica de todos os educadores para levá-los a serem exemplares do mesmo modelo, mas proporcioná-los condições de serem bons educadores, em função de suas qualidades.

A formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com a qualidade do ensino que, nessa perspectiva, devem assegurar que sejam aptos a elaborar e a implementar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seus alunos.

Na falta de alguns professores fica claro que o grupo ao qual pertence faz diferença e sem dúvida também interferirá na construção deste professor da EJA, já que a realidade de trabalhar com adultos não foi fonte de uma formação inicial e nesta dúvida a formação continuada ou em serviço e de grande relevância.

Quando questionamos, qual a trajetória profissional destes docentes e que fatores os levaram a fazer esta opção temos que considerar que é o fator experiência, que esta sendo ressaltado. Parece que os acontecimentos e vivências ao longo da trajetória profissional foram induzindo o profissional a fazer esta opção. O perfil de opções aparece bem claro, na pergunta sobre o conforme o Quadro 3:

Por opção do professor	14
Designação através da secretaria	8
Complementação de horário	7
Outros motivos	6
EJA como área de formação	5
Complementação salarial	4

Quadro 3: Motivos da lotação.

A construção da identidade de professor está além das paredes da escola, das abordagens técnicas e metodológicas as praticas educativas. A evolução histórico-social-cultural em que vivemos traz para as práticas educativas a realidade, e, neste ponto, podemos destacar o contexto social atual que exige do professor saberes específicos na modalidade de ensino EJA.

Desta forma, percebe-se que ensinar adultos exige dos professores o domínio de novos saberes docentes ou saberes profissionais, apoiados por saberes práticos adquiridos através da experiência e da sua própria felicidade no que desenvolve.

Como dizem Freire; Shor (1987, p. 46):

A educação libertadora é fundamentalmente, uma situação na qual tanto os professores quanto os alunos devem ser os que aprendem; devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes. Este é, pra mim, o primeiro este de educação libertadora que tanto os professores como os alunos sejam agentes críticos do ato de conhecer.

Como fica claro, o professor, nessa concepção, não é um sujeito ousado responsável apenas pelo conhecimento cognitivo dos seus alunos, o esforço da sala de aula é tanto fundamental de estudo para o professor. Trata-se de estabelecer uma postura de quem reflete e avalia constantemente as escolhas e os caminhos que toma, de quem está sempre aberto a aprender, de quem usa o espaço do ensino com um processo de aprendizado.

O professor não mais visto como proprietário do saber e detentor do conhecimento, mas como personagem crítico na proposição de desafios e

encaminhamento de processos de procura, sabendo sempre que “ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo” (FREIRE, 1979).

Toda ação educativa do mestre deve sempre perseguir um objetivo essencial, um determinado sonho, que abomina a neutralidade ou a indiferença por parte de quem educa. Isto não significa que o professor deve impor ao aluno sua opção, antes despertando nele para suas próprias e autênticas opções e seus sonhos e conquista da felicidade.

Pensar a formação do professor de forma geral e em particular a formação do educador de jovens e adultos, enquanto ação permanente, construída ao longo da vida, através de percepções diárias da realidade onde o educador está inserido e da percepção das mudanças pelas quais o mundo está passando é uma das exigências para essa modalidade de ensino. A esse respeito, Haddad; Di Pierro (2000, p.191-2) afirma:

A educação continuada é aquela que se realiza ao longo da vida, continuamente, é inerente ao desenvolvimento da pessoa humana e relaciona-se com a idéia de construção do ser. Enfim, a idéia de uma educação continuada associa-se a própria característica distintiva dos seres humanos.

Neste contexto, cabe ao alfabetizador atualizar-se constantemente num processo de contínua aprendizagem. Na busca de oferecer aos educandos um ensino que lhes possibilite reflexão, e entendimento da sociedade, de suas condições, de possibilidade de mudanças e de ações conscientes perante a realidade posta, pois consiste na aquisição de novos dados do saber mas muito mais social, de seu papel como interlocutor necessário no diálogo educacional.

Portanto o professor mediante sua formação deve proporcionar muito mais que os saberes sistematizados, mas a valorização da cultura, pensar, questionar, acompanhando sempre os movimentos da realidade, onde educador/educando estarão juntos no processo contínuo de desenvolvimento e de aprendizagens.

Entretanto, para além da necessária formação inicial e continuada há o saber de experiência feita, como nos diz Freire em muitas das suas obras relacionadas a educação, daqueles que não tiveram oportunidade de estudar em tempo hábil, e hoje, através da EJA podem criar um mecanismo de superação das suas diferenças, uma compensação.

A felicidade é colocada pelo mestre como sinônimo de luta sendo assim, somente pode ser inteiramente feliz a pessoa que acredita em si e em sua transformação e se dispõe a empreender uma caminhada em direção a essa meta, sabendo que, ao atingi-la, outras por certo surgirão e, dessa forma, os desafios serão inevitáveis, uma realidade das metas diárias que a sociedade impõe a todos.

6.2.2 Saberes Práticos - O saber da experiência feita

Para analisar as impressões dos professores (as) sobre suas aprendizagens a partir de experiências em EJA, selecionei cinco (5) professores e, abaixo, descrevo sinteticamente o perfil de cada um; com pseudônimos criados por mim:

- Professora Maria, idade 44 anos; reside na mesma cidade; com formação em história, com especialização em cooperativismo, sem formação específica para EJA. Atua há cinco (5) anos na EJA; tem carga horária total de 40 horas, dando 20 horas nessa modalidade, nas 3ª e 4ª etapas;

- Professora Ana, 45 anos; reside na mesma cidade; com formação em magistério e Biologia, sem especialização, sem formação específica na modalidade EJA. Atua há quatro (4) anos na EJA; tem carga horária total de 60hs, dando 20hs nessa modalidade, nas 1ª e 2ª etapas;

- Professora Leti, 46 anos; reside na mesma cidade; professora com formação em Educação Artística, com especialização em Artes Plásticas, sem formação específica para EJA. Atua há (8) anos na EJA; tem carga horária total de 20hs, nas 3ª e 4ª etapas;

- Professora Denise, idade 32 anos; reside na mesma cidade; professora com formação em Pedagogia e Direito, com especialização em EJA. Atua há seis (6) anos na EJA; tem carga horária total de 40hs, 20hs nessa modalidade, atuando como Vice-Diretora.

Pautei o item experiência através de uma pergunta que torna o professor como agente compensatório social, estimulando as necessidades de cada aluno e, procurando de alguma forma a inclusão diante desse contexto de transformação.

Pergunta: Para além da sua formação acadêmica inicial e das funções técnicas, o que a experiência docente em EJA lhe ensina / ensinou?

Segunda a professora Maria:

“a experiência docente na EJA me proporciona uma maior e melhor integração com o aluno. O aprendizado do conteúdo ocorre em conjunto, com as experiências de vida de cada aluno. O aluno da EJA mostra-se mais interessado com o processo ensino-aprendizagem. Fato este comparado, pela necessidade de estudo que a vida lhe coloca. Além disso, está claro que o professor que leciona na EJA precisa ter o perfil adequado. O professor da EJA deve gostar de lecionar a noite, interagir com os adolescentes e adultos, com seus problemas pessoais, os quais se salientam no desenvolvimento dos alunos. O professor da EJA, além de dominar o conteúdo que leciona este profissional deve saber tratar, encaminhar e resolver questões sociais, ouvindo muitos problemas de seus alunos, pois estes necessitam de quem os ouça, dizer uma palavra amiga, mesmo que não possamos resolvê-los”.

Percebemos na resposta da educadora que ela acredita na mudança do perfil do professor e do aluno, pois ambos estão experimentando novas realidades, pois, conforme Prado (1993, p.99): “O aprendizado de um novo referencial educacional envolve a mudança de mentalidade”.

Na fala da professora de séries iniciais, Ana, as características marcantes são: as diferenças de idade e o conhecimento já existente.

Sua resposta vai em direção às diversidades que existem na sala, pois são jovens e adultos, dando os primeiros passos à realização de um sonho.

Conforme a professora entrevistada,

Também aprendi, digo, foi necessário trabalhar com atividades diversificadas em virtude de ter a mesma turma de alunos com vários níveis de aprendizagem, mas mesmo assim gosto muito do que eu faço. Isso é gratificante.

Vigotsky (1989, p. 44), afirma que a linguagem e o desenvolvimento sócio-cultural determinam o desenvolvimento do pensamento. Assim, o sistema simbólico fundamental na mediação sujeito-objeto é a linguagem humana, instrumento de mediação verbal do qual a palavra é unidade básica.

Diante deste contexto de transformação e de novas exigências, em relação ao aprender as mudanças presentes, não dizem respeito à adoção de métodos diversificados, mas sim à atitude diante do conhecimento e da aprendizagem, bem como uma nova concepção de homem, de mundo e de sociedade.

Com um pouco mais de experiência na área de jovens e adultos, a professora Leti, formada em Educação Artística e, com especialização em Artes Plásticas coloca:

“Como formadores de opinião estamos nos tornando formadores de famílias, como psicólogos que temos que ser em sala de aula. Não levamos em consideração mais o que ensinar, e sim preparamos eles, para o que virá”.

Sua fala identifica traços marcantes na Pedagogia que precisamos diariamente, esta professora atua numa escola de periferia, com traços de uma estrutura social que leva a índices alarmantes de jovens envolvidos com drogas, tráfico, gravidez na adolescência, desemprego e até outros tipos de violência, pois muitos destes alunos chegam à escola sem uma estrutura sócio-afetiva necessária mínima, que possa dar-lhes um caminho na realidade do mundo que vivemos. Para compreender o indivíduo, é necessário compreender as relações sociais que ele estabelece no âmbito em que vive, não basta o conhecimento de sala de aula, o conteúdo escolar, é preciso trabalhar o conhecimento de mundo, as questões sociais.

Uma fala comum que ouvi constantemente nos encontros de formação de professores é relatada por Leti, “uma coisa é teoria, outra é prática [...]”, dizem os professores “fiz cursos de especialização, conheço as teorias pedagógicas, mas quando entro em sala de aula, a prática é outra”. A formação do professor, para que consiga construir coerência entre seus estudos e a sua prática, não pode se limitar apenas ao domínio do conhecimento necessita também da reflexão ética sobre o uso dos conhecimentos em sua prática pedagógica.

A professora Denise coloca o seu ingresso na educação de Jovens e Adultos como algo casual, pois foi mais uma entre os profissionais escolhidos através de critérios da própria Secretaria de Educação, que em 2003 selecionou alguns profissionais com magistério para atuar na EJA rural.

Diz ela:

“A partir daí fui me aperfeiçoando nesta área, até chegar ao cargo de Vice-Diretora desta modalidade. E com certeza, os significados que esta experiência trouxe para minha vida foram inúmeros. Comecei a compreender a necessidade de uma formação específica do educador para trabalhar com esta modalidade de ensino, bem como a formação continuada com processo de construção e reconstrução dos saberes docentes. Pois trabalhamos com sujeitos que trazem uma bagagem cultural, experiência profissional e de vida das mais diversas, possuem especificidades e particularidades que requerem outro olhar na elaboração de uma proposta de trabalho. É que a nossa prática pedagógica deve vir prescindida de afeto, carinho para o atendimento qualitativo desses sujeitos”.

A formação continuada é aqui colocada pela professora enquanto exigência para o exercício profissional do educador. O conceito de formação continuada decorre da compreensão do ser humano que embasa o pensamento pedagógico freireano, entendido como finito e inconcluso. Na obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (1975) mostra que a preocupação com a humanização, tarefa permanente de todo o ser humano, implica admitir o confronto à desumanização: “A desumanização não é apenas uma possibilidade ontológica, mas uma realidade histórica” (FREIRE, 1983, p.30).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu chego ao final, deste trabalho, não com uma conclusão, mas com descobertas e algumas diretrizes para o desenvolvimento das ações de formação dos educadores da EJA, essas identificam prioridades significativas de enfrentamento e, das mudanças a serem implantadas no ensino de jovens e adultos.

Ao buscar as questões relativas à Educação de Jovens e Adultos no Brasil, desde a trajetória pelos meandros deste processo encontrei muitas relações contraditórias e conflituosas acerca da EJA em nosso país. Os avanços e retrocessos que afloram neste percurso são de direções desencontradas, sem políticas eficientes para elucidação de uma, hoje, modalidade de inclusão escolar que sempre seguiu à margem do sistema educacional. Ocupando ingênuas inferências a EJA foi se inserindo na legislação oficial através da luta de alguns ícones da educação popular como o Mestre Paulo Freire.

As primeiras palavras de Pedagogia da Esperança mostram-nos a convicção de Paulo Freire (1992) sobre a necessidade da esperança e do sonho para a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor. Segundo ele, a esperança é uma necessidade ontológica, pois sem o mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate. Alerta, entretanto, que atribuir à esperança o poder de transformar a realidade seria um modo excelente de cair na desesperança, pois “enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (FREIRE, 1992). Assim ele explica a necessidade de uma educação da esperança, pois como programa, a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo.

Uma das tarefas do educador é desvelar as possibilidades para esperança, não importam os obstáculos. A pedagogia da esperança faz-se também necessária para o enfrentamento das situações-limites, ou seja: os obstáculos e barreiras que precisam ser vivenciadas ao longo de nossas situações limites, ou as percebem como um obstáculo que não podem transpor; ou como algo que não querem transpor; ou ainda como algo que sabem que existe e precisa ser rompido e então

se empenham na sua superação. Assim, é preciso atentar para que seus profissionais sejam capacitados para atuar no sistema regular de ensino, tendendo a uma demanda carregada de heranças sócio-afetivas muito presentes, uma prática que nossos educadores não estão acostumados e, portanto, tem de ser objeto de formação continuada, visando atender com qualidade as demandas desses alunos.

Dois grandes desafios de imediato estão colocados para o sistema de ensino e para a sociedade brasileira, fazer que os direitos retratassem o plano de movimento instituído legalmente e construir valores educacionais que atendam às necessidades dos alunos.

Ao longo da caminhada, pude perceber que o município de Viamão, através dos professores da EJA e coordenação da Secretaria da Educação, estão procurando atender de maneira significativa as demandas de 2011. Em uma ampla discussão com professores e representantes do Setor Pedagogia da Secretaria foi criado o plano de curso para as disciplinas, metas, formações continuadas específicas e, o mais importante para as ações a serem desenvolvidas: o compromisso da ampliação de escolas que visem atender a demanda crescente.

Poder perceber que mais de 85% dos profissionais da rede municipal possuem especialização nas mais variadas modalidades de ensino, é também criar a expectativa de uma melhora na qualidade de ensino, pois são educadores que desenvolveram e, através de ações formativas tem a capacidade de interagir com jovens e adultos, tanto levando o conhecimento essencial, quanto as questões muito presentes relacionadas a afetividades. O educador mediante sua formação deve proporcionar muito mais do que saberes sistematizados, mas a valorização da cultura e das experiências vividas, num processo de liberdade de pensar.

Ao contrário do que imaginava os educadores que hoje estão desenvolvendo suas atividades na EJA, assim o fazem por ter uma identificação mútua, ou seja, por apresentar algumas características de extrema necessidade como o ensino diferenciado, como procurar algum desafio diário, coisa que em sua grande maioria quer um pouco de acomodação nas atividades desenvolvidas.

Sentimentos de procura, necessidade, vontade e comprometimento foram pautando os assuntos tratados nas oito atividades formativas da EJA, de alguma

forma integrando os profissionais ali presentes. A própria Secretaria de Educação criou uma metodologia de trabalho que incentivou a participação e discussão dos assuntos e temáticas a serem abordados. Em oito anos de EJA eu não havia tido tanta liberdade e, ao mesmo tempo, produção de ideias como tive até o presente momento, poderia dizer que foi, e está sendo um raro momento de democracia na Educação de Jovens e Adultos do município. É a necessidade de acreditar que o professor pode tornar a si direito da direção de seu trabalho e, comprometendo-se com a busca de uma sociedade justa, provocando em seus alunos a capacidade de inventar um mundo alternativo.

Enquanto sujeitos de direito e com consciência de que a educação é um ato permanente, se pensa uma educação onde os educandos da EJA não se limitam apenas ao saber ler e escrever, mas seres de autonomia, pois segundo Freire (2000, p. 129): “Nenhuma teoria da transformação social do mundo me comove sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto serem fazedores de história e por ela feitos, seres de decisão, da ruptura, da opção”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENNELL, Ralph Ings. **A formação discursiva do professor e a (re) construção crítica do saber pedagógico**. In. Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, n. 4 Niterói. 2001.

BRANDÃO, Carlos R. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer 11/2000**. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, maio 2000.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 5692**, de 20 de novembro de 1971.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos**, 2002.

DI PIERRO, M.C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V.M. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Caderno Cedes. n. 55, 2001. [p. 55-77].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1979.

_____. **Educação e Mudança**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin, 1983.

_____. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo Freire; SHOR, Ira. **Medo e ousadia - o cotidiano do professor**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. Rio de Janeiro: Associação Projeto Roda Viva, 2006.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação. n. 14, 2.000. [p. 108-130].

MACHADO, M. M. **A Trajetória da EJA na Década de 90. Políticas Públicas sendo substituídas por solidariedade**. In: 21^a. Reunião Anual da ANPED, 1998, Caxambu. 21^a. Reunião Anual da ANPD. São Paulo: ANPED, 1998.

MIALARET, Gaston. **A Formação do professores**. Coimbra: Almeida, 1991.

PAIVA, V. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1973.

RUMMERT, S. M.; VENTURA, J. P. **Políticas Públicas para educação de jovens e adultos no Brasil**: a permanente (re) construção da subalternidade – considerações sobre os programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola, Educar. Curitiba: UFPR, 2007. [p. 29 – 45]

SOARES, Leôncio José Gomes. **Aprendendo com a diferença**: estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SETUBAL, Maria Alice. **Revista Nova Escola**. Maio, 2009.

SOEK, Ana Maria; HAVACEMIV, Sonia Maria Chaves; STOLTZ, Tânia. **Meditação Pedagógica na Alfabetização de Jovens e adultos**. Curitiba: Positivo, 2009.

VIGOTSKY, L. et. al. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ANEXOS

Anexo 1 - Questionário aplicado aos professores.

Anexo 2 - Memorial descritivo de professores com termo de consentimento informado.

Anexo 3 - Matéria jornalística.

Anexo 4 - Histórico das escolas com EJA.

Anexo 1 - Questionário aplicado aos professores.

Anexo 2 - Memorial descritivo de professores com termo de consentimento informado.

Anexo 3 - Matéria jornalística.

Anexo 4 - Histórico das escolas com EJA.